

RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Mateus Camargo Pereira¹ e Lia Polegato Castelan¹

RESUMO

O debate sobre as diferenças de gênero na Educação Física escolar e sua abordagem no ensino de diversos conteúdos da cultura corporal tem ganhado destaque nas pesquisas da área nos últimos anos. Tal quadro mostra convergências com o crescimento da participação feminina em diversos espaços outrora associados ao masculino, com destaque para profissões e práticas corporais que utilizam predominantemente a força física, como os trabalhos braçais e o futebol, por exemplo. O debate na Educação Física escolar avança na formulação de alternativas metodológicas para o ensino dos conteúdos da cultura corporal em direção à igualdade entre os gêneros masculino e feminino. Este artigo objetiva levantar possibilidades pedagógicas para a abordagem dos conteúdos esporte, lutas e dança na Educação Física escolar a partir de grupos mistos. É resultado de uma pesquisa desenvolvida durante o ano de 2007, em quatro turmas de 6º ano do ensino fundamental numa escola pública estadual de Paulínia – SP. Utilizando como método a pesquisa-ação (Thiollent, 2000) apresentamos aos estudantes atividades nas quais as diferenças de gênero fossem identificadas, debatidas e superadas. Os resultados nos mostraram que os estereótipos de gênero estão muito presentes socialmente, mas que por meio de atividades dirigidas pelo professor de Educação Física podem ser problematizados em busca de sua superação. O estudo também mostrou que atividades com forte caráter competitivo podem exacerbar os preconceitos de gênero. Os resultados encontrados na investigação são apontamentos iniciais para o aprofundamento dos trabalhos na temática, indo ao encontro das expectativas de igualdade entre os gêneros que buscamos construir na sociedade brasileira através de nossa prática profissional.

Palavras-chave: Educação Física escolar; relações de gênero; aulas mistas.

GENDER RELATIONS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: TEACHING POSSIBILITIES

ABSTRACT

The debate about gender differences in physical education and the approach of teaching various content of "culture of the body" have gained prominence in the research area in recent years. This table converges with the growth of female participation in various areas formerly associated with men, especially for professions and bodily practices that predominantly use physical force, as the heavy labor and football, for example. The debate on school physical education advances in the formulation of methodological alternatives for teaching the content of "culture of the body" toward equality between males and females. This article aims to raise educational possibilities for the study of sports, fights and dance contents in physical education from mixed groups. It is the results from a survey carried out during 2007 in four classes of 6th grade elementary school in a state school in Paulinia - SP. Method such as using action-research (Thiollent, 2000) introduce students to activities in which gender differences were identified, discussed and overcome. The results show that gender stereotypes are very much socially, but that through activities led by physical education teachers the issue can be debated in search of overcoming those stereotypes. The study also showed that activities with a strong competitive nature can exacerbate gender bias. The findings of the research are initial notes for further work on the issue, meeting the expectations of gender equality that we seek to build in Brazilian society through our professional practice.

Keywords: Physical education; gender relations; mixed classes.

INTRODUÇÃO

As pesquisas realizadas pelo IBGE nas últimas décadas têm mostrado uma mudança significativa na sociedade brasileira: a crescente presença feminina em profissões e funções que se caracterizavam pela predominância masculina. Já é comum encontrarmos famílias chefiadas por mulheres e a ocupação feminina em profissões associadas ao público masculino como construção civil, marcenaria, engenharia, entre outras. Nas práticas corporais e esportivas, o futebol e o vôlei feminino crescem a olhos vistos, com visibilidade na grande mídia e projeção internacional. Os feitos de Marta, eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo, e da seleção feminina de futebol contribuíram decisivamente para esse quadro, bem como as recentes vitórias do vôlei feminino. Por outro lado, os mesmos dados oficiais nos mostram que as mulheres ganham cerca 30% a menos do que os homens para realizar função similar. Também, vemos que ainda são significativos os índices de violência doméstica a qual as mulheres estão sujeitas, mesmo com a Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, que pune criminalmente os homens que agredirem e ameaçarem suas mulheres.

No âmbito da Educação Física, o já aludido crescimento da participação feminina no futebol e vôlei e em outras manifestações corporais ampliou a relevância da discussão sobre as relações de gênero nas práticas da área e sobre a proposição de possibilidades pedagógicas para o ensino dos conteúdos da cultura corporal em grupos mistos.

Essa necessidade encontra-se colocada desde meados da década de 1990, por ocasião do deslocamento das aulas de Educação Física para a grade curricular, junto às demais disciplinas. Isto possibilitou que meninos e meninas participassem conjuntamente das atividades, obrigando os docentes a conciliar diferentes experiências e expectativas.

No entanto, predominava na prática pedagógica dos professores de Educação Física uma visão centrada na separação sexual das atividades, justificada por diferenças físicas pretensamente irreconciliáveis. Esse preconceito parece-nos associado, juntamente com outros fatores, a uma incompreensão da relação de complementariedade entre o cultural e o biológico na constituição do ser humano. A visão majoritária nas escolas de formação da área até hoje se orienta por uma perspectiva biológica de homem. Por essa visão, os caracteres físicos são determinantes na organização do ensino dos conteúdos, separando meninos e meninas, definindo atividades de predominância masculina (como futebol, por exemplo) e feminina (como danças, por exemplo).

Oliveira (1996) apoia-se em Delamont (1985, p.22) para nos esclarecer acerca dessa questão, diferenciando sexo (biológico) de gênero (cultural):

“A palavra sexo deve respeitar, para se falar com propriedade, aos aspectos biológicos da existência de machos e fêmeas. As diferenças de sexo, portanto devem ser mencionadas unicamente a respeito da anatomia, da fisiologia, da genética, das hormonas, etc. A palavra gênero, falando com propriedade, deve ser utilizada para mencionar todos os aspectos não biológicos das diferenças entre indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino – vestuário, interesses, atitudes, comportamentos, aptidões- que separam os estilos de vida “masculino” e “feminino””.

Portanto, temos que considerar que os processos pedagógicos são cruciais para formatar em que termos se darão as relações de gênero. Estes, por sua vez, são construídos socialmente, influenciados pelos valores presentes na cultura em que os indivíduos estão inseridos, e contribuem para que meninos e meninas assumam características que as associam ao masculino e ao feminino, processo chamado por Goellner (2010) de “generificação”. Segundo a autora (2010, p.75)

“Se estamos cientes de que o gênero é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino, não existe naturalmente. Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa. Há algum tempo, por exemplo, um homem que usasse cabelos compridos e brincos provavelmente teria a sua masculinidade questionada, visto que essas marcas eram consideradas femininas. Nos dias de hoje essa suspeição já não se aplica porque os brincos fazem parte dos adornos corporais de brasileiros e brasileiras, assim como o uso de cabelos compridos, curtos, coloridos etc.”

Apropriar-se dessa compreensão faz de nós, professores de Educação Física, figuras de destaque no confronto com o problema das desigualdades oriundas do preconceito de gênero. E nosso

espaço primordial de atuação, a escola, constitui-se em locus privilegiado para a abordagem científica da questão, identificando e buscando a superação das ideias consagradas no senso comum tais como: “lugar de mulher é na cozinha”, “futebol não é coisa de mulher, só se for “mulher-macho””, “mulher no volante, perigo constante”, “homem não chora” e outras expressões do tipo.

A Educação Física, como disciplina responsável pelos conteúdos da cultura corporal, é um momento para reflexões e práticas que podem aguçar o olhar para a questão das relações de gênero. Nela as desigualdades acontecem corporalmente, sem sutilezas, muitas vezes pela imposição da força e destreza de algum aluno em determinada prática. Que professor não se deparou com “boladas” de meninos em meninas, vistos por elas como agressões? Com “jogos de corpo” confundidos como empurrões? Ou com rotulações com relação à orientação sexual de um menino que gostava de dançar ballet? O fato das desigualdades ficarem mais evidentes nas aulas de Educação Física coloca-nos a responsabilidade de encará-las, buscando alternativas pedagógicas, e a aula mista propicia bons momentos de debate sobre o tema.

Mas não basta simplesmente realizarmos atividades mistas para que as desigualdades de gênero sejam superadas. É indispensável considerarmos que existem algumas diferenças. Segundo Daolio (2006, p.119)

“Nem igualdade forçada, nem desigualdade justificada por processos naturais. Na verdade, seria prudente abandonar o binômio igualdade/desigualdade como critério para analisar a questão das diferenças sexuais nas aulas de Educação Física, sob o risco de se considerar meninas como menos iguais aos meninos ou, em outras palavras, inferiores a eles. SOARES e GOELLNER (1994) afirmam que homens e mulheres, embora apresentem caracteres comuns ao gênero humano, apresentam também singularidades, que demarcam a distinção entre indivíduos e deveriam afirmar uma relação de alteridade e não de desigualdade.”

Nessa direção, o professor de Educação Física tem muito a contribuir. De acordo com OLIVEIRA (1996, p.34) “(...) o professor de Educação Física ainda é uma figura chave para a questão discutida, pois dependendo da sua postura, de suas opiniões, enfim da visão que este possua, poderá haver fortes influências para a formação de inúmeras outras opiniões e ideias”.

Foi a partir da observação do preconceito de gênero que se expressava de forma generalizada na escola, sobretudo em nossas aulas mistas de Educação Física, ministradas numa escola pública estadual de Paulínia, interior de São Paulo, que decidimos nos apropriar dos estudos sobre gênero, corpo e Educação Física para tentar transformar, ressignificar estas relações. Foi sobre essa realidade que intervimos, propiciando a presente pesquisa.

METODOLOGIA

As aulas mistas foram ministradas durante o ano de 2007, com 4 (quatro) turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. Sua dinâmica passava pela proposição de atividades nas quais as diferenças de gênero fossem identificadas, debatidas e sugestões para sua superação fossem levantadas pelos estudantes. A escolha das turmas se deu pela identificação de que estavam num momento de aceitação de novas experiências, não apresentavam postura de negação do sugerido, ainda que isso não se desse de forma homogênea.

A pesquisa foi realizada utilizando como referencial teórico-metodológico a pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2000, p.14)

“Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”

Para a consecução dos nossos objetivos utilizamos os seguintes princípios pedagógicos:

- 1) Compreensão de que os estudantes provêm de realidades sociais distintas que devem ser reconhecidas e problematizadas.

Nas aulas iniciais foram levantadas as situações familiares dos estudantes, de forma a identificar suas ideias acerca dos papéis sociais de homens e mulheres.

- 2) Escola é o local da ampliação do conhecimento científico, reelaborando os saberes do senso comum. O diagnóstico dos conhecimentos e posturas dos alunos nas práticas corporais diversas foi realizado para que pudéssemos estabelecer estratégias de ação, de forma a dar consequência ao princípio acima enunciado.
- 3) Aulas de Educação Física são direito dos estudantes e componente curricular obrigatório. Todos eram convidados a participar das aulas, informados de que a participação era elemento essencial e constituía critério de avaliação da disciplina. E que a Educação Física exigia responsabilidades como qualquer outra disciplina escolar.
- 4) Todos têm as mesmas chances de jogar. Independente da experiência anterior em alguma modalidade esportiva ou expressiva todos tinham as mesmas chances de vivenciar a atividade proposta, independente da performance nas atividades, e isso deveria ser respeitado e garantido pelo grupo.

Foram utilizados os seguintes recursos didáticos na abordagem dos conteúdos:

- Dança:

- 1) Projeção de danças realizadas por grupos mistos;
- 2) Ampliação do conhecimento de diferentes gêneros musicais, utilizando-os como referência para a montagem de coreografias;
- 3) Montagem de grupos mistos para criação coletiva de coreografias.
- 4) Apresentação das coreografias criadas para os grupos mistos, como forma de se mostrar o resultado da produção e “naturalizar” a existência dos grupos mistos. Ou seja, como mostra de que grupos de dança mistos podem ser normais.

- Lutas:

- 1) Conceituação e diferenciação entre lutas e briga;
- 2) Confrontos mistos dos diversos tipos de lutas, mostrando que características como força e velocidade tinham relevância diferente dependendo da luta realizada.
- 3) Realização de festivais de lutas, nas quais os estudantes criavam lutas diferentes, a partir do conceito trabalhado em classe. Elas eram experimentadas pelos demais grupos. Nas práticas as equipes eram montadas por critério de equilíbrio de habilidades.

- Esporte:

- 1) Vídeos de modalidades mistas;
- 2) Realização de atividades mistas;
- 3) Adaptações nas regras e rodízio de funções nos jogos.

Todas as aulas ministradas foram anotadas em caderno, bem como a síntese dos debates ocorridos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos princípios e recursos didáticos utilizados colhemos os seguintes resultados:

- Inicialmente houve resistência de parte significativa dos jovens em participar de atividades mistas; com o tempo as resistências minoraram, ainda que não totalmente.
- A prática de atividades mistas permitiu a constatação pelos jovens de que diferenças de gênero são menores do que parecem. A conclusão dos estudantes foi ao encontro da afirmação de Daolio (2006, p.114.):

“(...) nem todas as meninas são inábeis e nem todos os meninos são hábeis. Existe uma enorme gradação entre o mais hábil e o menos hábil, tanto para as meninas quanto para os meninos. Além disso, essa gradação pode se modificar dependendo da atividade realizada.”

- A facilitação ou restrição de uma função para alunas (os) mais habilidosos em alguns momentos reforçava os estereótipos que desejávamos combater. Quando meninos eram privados de fazer um gol, cesta ou ponto, ficando obrigados a servirem as meninas, isso gerava uma indignação por parte deles. Concluímos que o uso deste recurso não deveria privar os habilidosos de exercerem suas potencialidades; o rodízio de funções no jogo mostrou-se mais adequando, pois não impedia o (a) jogador (a) habilidoso (a) de atuar em função de outro (a), mas de servir à equipe. Como exemplo desse recurso, utilizamos a regra de que quem fizesse um gol/ponto ia imediatamente ao gol, atuar como goleiro; aquele que fizesse a cesta tinha que esperar que todos da equipe o fizessem para poder repeti-la. Dessa forma, acreditamos estimular a vivência de solidariedade e desenvolvimento de outras características de jogo, motivando-os a ampliarem suas habilidades. Goellner (2010, p.82) aponta na mesma direção:

“Existem níveis diferentes de habilidade física entre meninos e meninas. É necessário, ainda, pensar que também existam diferenças de habilidade entre os meninos e entre as meninas. Essas diferenças resultam não de uma anatomia distinta, mas, sobretudo, de vivências e experiências de movimento diferenciadas desde o nascimento. Razão pela qual devem ser elaboradas estratégias, a fim de incrementar a participação daqueles (as) considerados (as) menos habilidosos (as) para o esporte.”

- Atividades competitivas podem exacerbar o preconceito de gênero. Colegas mais habilidosos eram acionados com maior frequência, independente do gênero, como forma de se ganhar o jogo; aqueles que falhavam eram marginalizados nas jogadas seguintes. Percebemos que atividades competitivas acirravam as relações entre os mais habilidosos e os menos habilidosos, sendo as diferenças sexuais utilizadas como “bode expiatório”, ou seja: acabavam reforçando o estereótipo de meninos “habilidosos”, meninas “inábeis”. Um elemento relacionado à questão da habilidade era erroneamente associado às diferenças de gênero, pois havia meninas habilidosas – nem sempre reconhecidas como tal – e meninos pouco habilidosos – também pouco reconhecidos como tal. Para minimizar essa situação solicitávamos aos alunos que se classificassem em níveis de habilidades em cada modalidade coletiva (A – mais experientes; B – experientes, mas que jogavam pouco; C – sem experiência naquela modalidade). Cada um se classificava numa “letra” e a partir disso montavam-se as equipes, com equilíbrio de gênero e de experiências. Esta estratégia mostrou-se interessante em alguns momentos, mas algumas vezes percebemos que os (as) alunos (as) classificam mais pela sua autoestima do que necessariamente pela sua experiência com a modalidade.
- O processo pedagógico deve ser finalizado com festivais e torneios nos quais as experiências de equipes e grupos mistos sejam divulgadas e exaltadas como forma de publicização da proposta. Aquilo que para muitos pais e docentes inicialmente pareceu estranho, mostrou-se concretamente viável e democrático no que tange à participação dos estudantes.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

As experiências pedagógicas propostas demonstraram a viabilidade de uma Educação Física escolar em que as diferenças entre meninos e meninas possam ser encaradas com naturalidade, sem que as modalidades esportivas e as demais expressões corporais sejam descaracterizadas e tornem-se desinteressantes para os jovens. É fato, também, que esses resultados não se deram imediatamente e sem percalços, pois a influência das relações sociais machistas fez-se e faz-se presente a todo instante.

Nossa experiência na pesquisa e na docência na educação básica nos mostrou a necessidade da ampliação dos estudos sobre as relações de gênero nas aulas mistas de Educação Física. Como citamos no início do trabalho, a situação de marginalização da mulher em nossa sociedade, ainda que em processo de mudança, é ilustrativa de como andam as relações de gênero nos dias atuais. A escola enquanto espaço formador de cultura e transmissora de saber científico, e a Educação Física como disciplina escolar que trata da cultura corporal, devem estar empenhadas na superação desse quadro de

injustiça e desigualdade. Esperamos, com as conclusões apresentadas neste trabalho, contribuir para a superação do quadro apresentado.

REFERÊNCIAS

- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco transformar meninas em antas. In **Cultura, Educação Física e Futebol**. 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, p.107-122, 2006.
- DELAMONT, S. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- GOELLNER, S.V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. In: **Cadernos de Formação RBCE**, p.71-83, no. 2, março 2010.
- OLIVEIRA, G. K. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspetos motores e sociais**. Campinas: UNICAMP (mestrado), 1996.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

¹ IFSULDEMINAS – campus Muzambinho.

Rua José de carvalho, 89 - Jd. Anápolis – Muzambinho/MG
37890-000